

# Aqui o que não falta é assunto

Nos dois prédios da Academia, bibliotecas são guardiãs do passado literário do Brasil e do mundo



Retrato de Machado de Assis, a figura mais lendária da Academia

Espaços distintos em estilos e conteúdo, as bibliotecas Acadêmica Lúcio de Mendonça (LM) e Rodolfo Garcia (RG), ambas da Academia Brasileira de Letras (ABL), oferecem a estudantes e pesquisadores amplo material sobre a produção nacional e internacional, especialmente na área de humanas. A mais antiga delas, a Lúcio de Mendonça, foi inaugurada em 1905 na construção mais antiga da ABL, o charmoso palacete Petit Trianon. Com o tempo, obviamente, atingiu sua capacidade física, forçando a criação de um novo espaço no início do século XXI para continuar abrigando os títulos que continuam chegando. A comissão das

bibliotecas, dirigida pelo escritor Murilo Melo Filho, conta ainda com os imortais Alberto da Costa e Silva, Eduardo Portella, Evanildo Bechara e Tarcísio Padilha.

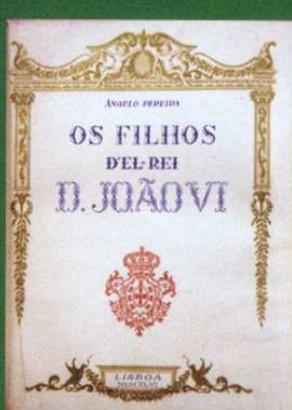
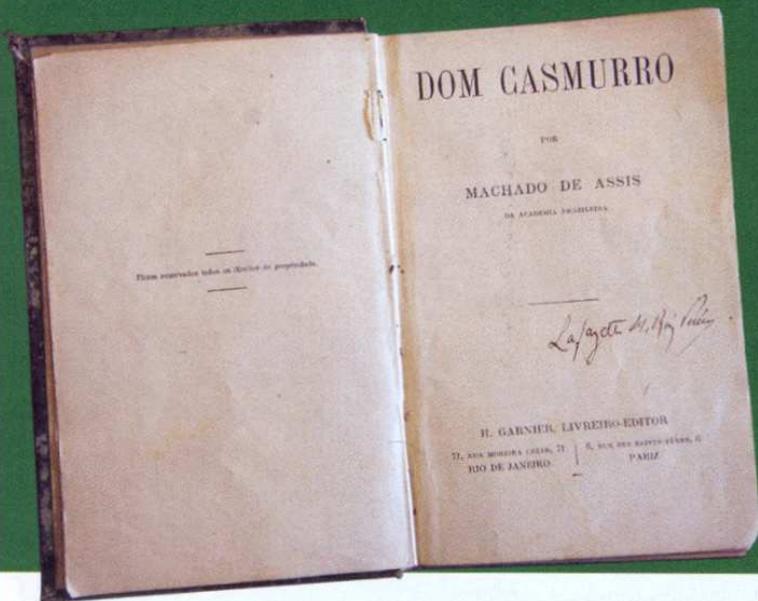
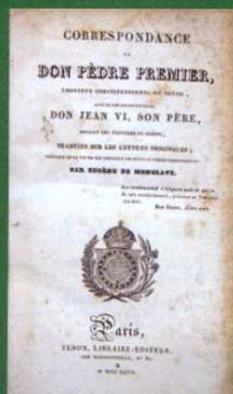
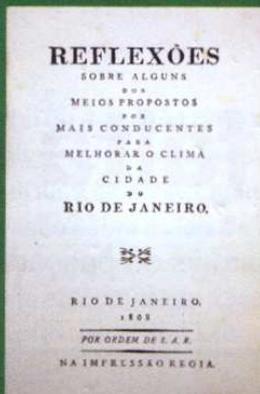
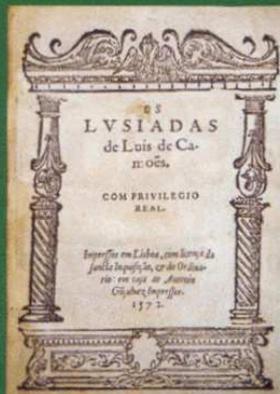
A missão do espaço centenário da LM é preservar a memória e a produção acadêmica da instituição, além de obras importantes produzidas a partir do século XVI. "É a biblioteca histórica da casa, onde se concentra o material escrito pelos acadêmicos, sobre eles e coleções particulares que pertenceram a eles", comenta Alice Maria Magalhães Gianotti, uma das bibliotecárias da equipe coordenada por Luiz Antonio de Souza, que trabalha na instituição há mais ▶

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Na Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça, há diversas obras em sua primeira edição, daqui e do exterior, como *Dom Casmurro* e *Os Lusíadas*

de 30 anos. Nos 26 mil volumes espalhados por magníficas estantes de peroba, podemos encontrar, por exemplo, fotos dos grandes escritores brasileiros, as primeiras edições de algumas obras de Machado de Assis, como *Dom Casmurro*, de 1904, originais de títulos seus, a primeira edição de *Os Lusíadas* (1572) e um *Dom Quixote*, de 1608, além de livros com dedicatórias, pertencentes aos imortais.

É ainda nesta biblioteca que estão expostos a escrivinha de Olavo Bilac (com alguns pertences), quadros retratando o universo dos imortais e até objetos curiosos, com uma cristaleira repleta de bibelôs, colecionados pelo acadêmico Josué Montello (1917-2006), à primeira vista reunidos por acaso. São crianças, santos, damas antigas, palhaços, bichinhos e figuras míticas de diversos estilos, com uma coisa em comum: todos eles carregam um livrinho.

Por seu caráter histórico, os livros desta biblioteca não podem ser emprestados, mas a consulta é aberta a todos, com exceção às raridades. E a intenção é tornar o acervo cada

vez mais disponível. Aliás, alcance e longevidade são preocupações da instituição, que já pensa em digitalizar o conteúdo da Lúcio de Mendonça.

**Vigésimo-terceiro** – Os livros da biblioteca no Petit Trianon são dispostos de acordo com a estrutura da ABL. Como cada acadêmico ocupa uma cadeira numerada, é a esta ordem a que obedecem os títulos dos imortais ali guardados. Por isso, a coleção de Machado de Assis, fundador e primeiro presidente, curiosamente não está disposta como a primeira delas: ele ocupava a cadeira de nº 23, que não foi escolhida ao acaso. Quando resolveram listar os 40 patronos, estes foram dispostos em ordem alfabética, e cada primeiro ocupante escolhia o patrono com quem tivesse algum tipo de afinidade ou admiração. Machado escolheu a de José de Alencar, o 23º da lista de ilustres homenageados, e assim ocupou a cadeira correspondente.

Lá, a freqüência começa pelos próprios membros da casa. Tão logo o novo membro

COMISSÃO PARA AS COMEMORAÇÕES DA CHEGADA DE D. JOÃO E DA FAMÍLIA REAL AO RIO DE JANEIRO

D. JOÃO VI NO RIO 1808-2008

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO

da ABL é eleito, vai à biblioteca Lúcio de Mendonça para pesquisar sobre o seu antecessor e preparar o discurso de posse. Além disso, os acadêmicos se reúnem sempre no espaço. Completando essa efervescência intelectual, desde a fundação, em 1897, a academia tem sócios-correspondentes fora do Brasil. Vinte nomes de diversos países fazem essa ponte cultural. Dentre eles, já fizeram parte da lista os portugueses Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, o argentino Bartolomeu Mitre, o francês Émile Zola, o russo Leon Tolstói e o mexicano Octavio Paz. Atualmente, entre esses correspondentes está o ex-presidente de Portugal Mário Soares e o moçambicano Mia Couto.

**Admirável mundo novo** – Basta encostar o dedo no painel do elevador do moderníssimo Palácio Austregésilo de Athayde, ao lado do palacete, para desembarcar no século XXI. Ali está instalada, desde 2005, a Biblioteca Rodolfo Garcia (BRG), que possui isolamento térmico e acústico, controle de umidade e corta-incêndio a gás (FH2000, um produto próprio para acervos e que é atóxico). Há outras facilidades da vida moderna para se chegar aos seus 55 mil exemplares: quatro terminais para acesso ao acervo, de onde o usuário manda a sua lista de pesquisa para os bibliotecários; sala de consulta; seis terminais com internet e sala de videoconferência. Há uma espécie de refúgio, também, para quem precisa se aprofundar numa leitura ou pesquisa e que não necessita de algum título do espaço: são salas individuais, onde o público pode levar seus próprios livros ou seu *laptop*.

“Os usuários ainda estão descobrindo esse espaço”, afirma o bibliotecário Júlio César de Mendonça Ferreira. O foco da BRG são os universitários, graduados e pós-graduados, e é especializada em literatura, filosofia, sociologia, história, filologia, além das obras de referência e publicações da academia, como a *Revista Brasileira*, as Coleções Afrânio Peixoto, Austregésilo de Athayde e Antônio Morais Silva, *Anais da ABL* e os *Discursos acadêmicos*.

Os livros estão disponíveis para empréstimo a usuários comuns ou entre bibliotecas – tudo com a intenção de favorecer a aproximação do usuário. Há, porém, uma parte fechada para o público, onde estão raridades como uma publi-

cação da primeira metade do século XIX sobre a economia portuguesa e, da mesma época, um tratado sobre o sebastianismo. Quando a obra é muito rara e antiga, explica Júlio, não pode ser reproduzida. Nesse caso, o interessado pode fotografar alguns trechos dela. Assuntos sobre a relação entre Brasil e Portugal em diversos períodos estão presentes ali, inclusive livros ligados à chegada de Dom João no Rio, há 200 anos, e as mudanças estabelecidas na cidade desde então.

Dentre as coleções que agora pertencem à BRG, estão a de Josué Montello – que vai ganhar uma exposição ainda este ano –, a que pertenceu ao bibliófilo Franklin de Oliveira e uma com obras antigas portuguesas. Por enquanto, a Rodolfo Garcia apresenta parte da mostra *Bandeira o tempo inteiro*, com volumes autografados, vídeos e objetos referentes ao poeta Manuel Bandeira. A outra parte da exposição fica, até o fim de julho, no mezanino do prédio. As exposições acabam servindo como chamariz para as duas bibliotecas. Apesar de elas receberem visitas de pesquisadores de outros países, a intenção é que, cada vez mais, os brasileiros e especialmente os cariocas mergulhem nas páginas que as suas estantes guardam. ■

## Os donos dos nomes

Um dos fundadores da ABL, o fluminense Lúcio de Mendonça (1854-1909) ocupou a cadeira nº 11, cujo patrono é Fagundes Varela. Advogado, jornalista, contista e poeta, ele ainda exerceu alguns cargos públicos, como vereador e ministro do Supremo Tribunal Federal. Dentre as publicações em que trabalhou, estavam *O Ipiranga*, *A República*, *Província de São Paulo* e *O Paíz*. Em 1872, ele estreou na literatura, com *Névoas matutinas*, livro que trazia o prefácio assinado por Machado de Assis, que foi seu colega de redação na *Revista Brasileira*, juntamente com Joaquim Nabuco. Foi nessa época que Lúcio de Mendonça começou a sonhar com uma instituição para abrigar os grandes nomes das letras brasileiras.

O potiguar Rodolfo Augusto de Amorim Garcia (1873-1949) foi empossado pela Academia em 1935. Ele foi advogado, professor e escreveu para vários jornais, revistas e boletins publicados por instituições culturais. Em 1930, assumiu a direção do Museu Histórico Nacional; dois anos depois, foi diretor da Biblioteca Nacional. Sua atuação em prol da documentação e registro da história do país justifica a escolha de seu nome: ele foi um dos mais importantes colaboradores do *Dicionário histórico, geográfico e etnográfico do Brasil*, organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

### ENDEREÇOS

Academia Brasileira de Letras  
• Biblioteca Acadêmica  
Lúcio de Mendonça – Av. Presidente Wilson, 203 – 2º andar – Prédio Petit Trianon

• Biblioteca Rodolfo Garcia  
– Av. Presidente Wilson, 231 – 2º andar – Palácio Austregésilo de Athayde

Pela internet  
[www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)